

Aspectos das construções de relativização no português do séc. XV

Ana Luísa Costa

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

1. Introdução¹

Neste trabalho, pretende-se contribuir para a descrição de alguns aspectos das construções de relativização disponíveis no português do séc. XV. Em primeiro lugar, apresenta-se uma caracterização tipológica básica das subordinadas relativas, na qual se inclui a observação de construções de relativização que envolvem mais do que uma oração subordinada e de estratégias consideradas não canónicas na gramática do português moderno². No ponto 5, analisam-se estruturas em que a posição da relativa implica uma alteração da ordem básica dos constituintes, o que parece ser motivado por factores discursivos. Em 6, discute-se a análise de um tipo de relativas apositivas com o verbo *ser* e, no último ponto, faz-se uma avaliação dos contextos de ocorrência de *o qual / os quais / a qual / as quais*, defendendo-se uma classificação híbrida deste entre pronome relativo e determinante demonstrativo.

2. Dados

O presente estudo partiu de um comentário linguístico da *Partição de Nuno Vasquez* (PNV), documento pertencente ao fundo documental do Mosteiro de Chelas e datado de 1425³. A análise das estratégias de relativização que se apresenta tem por base cento e

¹ Esta comunicação tem por base um trabalho desenvolvido no âmbito do Seminário de Linguística Histórica, orientado pela Professora Doutora Ana Maria Martins, incluído no plano de estudos do Mestrado em Linguística Portuguesa – Orientado para a Linguística Educacional, do DLGR-FLUL (2003-2004). A versão original do trabalho integra uma fixação do texto da *Partição de Nuno Vasquez*.

² Por “português moderno”, entenda-se o período assim designado por P. Vázquez Cuesta e por I.F. Lindley Cintra, e considerado por M. Saïd Ali e E. Bechara “português hodierno”, *apud* Martins: 2000, 17.

³ Este documento notarial foi transcrito segundo as “Normas de Transcrição” definidas para a edição de *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa* (Martins: 2001). É um “estromento de partiçom”, mandado escrever por Nuno Vasquez de Castell Branco a Johane Stevez, escrivão de Steuã Vasquez, escrivão público dos órfãos, em Lisboa e seu termo, e tabelião del Rei na mesma cidade, a 22 de Maio de 1425. Regista a partiçom dos bens da herança de Afonso Aluernaz, falecido, pai de Ines Diaz e de Tomas Afonso, falecidos,

noventa e uma frases da PNV, número que inclui todas as subordinadas relativas e todas as frases que ilustram a ocorrência ambígua de *o qual / os quais / a qual / as quais*.

Com a finalidade de confirmar algumas observações feitas nas estruturas relativas da PNV, analisaram-se seiscentas e setenta e três relativas de trinta e cinco documentos datados entre 1325 e 1425 e quatrocentas e sessenta e três relativas de vinte documentos datados entre 1426 e 1494. Estes documentos pertencem também ao espólio do Mosteiro de Chelas e encontram-se editados em *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa* (Martins: 2001).

3. Para uma tipologia das subordinadas relativas do séc. XV

A descrição das relativas da PNV confirma o facto de as relativas do séc. XV se enquadrarem, basicamente, nos três tipos de construção produtivos no português moderno: as livres, as restritivas e as apositivas. Esta constatação é feita por outros autores, como Mattos e Silva (1989), para as estruturas trecentistas, e Dante Lucchesi (1990), para estruturas relativas também do séc. XV, do *Fabulário Português*.

3.1. Livres

As relativas livres são orações que têm uma função argumental na frase principal, tendo como antecedente uma categoria nula. Ao contrário de relativas com antecedente expresso, que são modificadores de DP's / NP's, estas desempenham funções substantivas. São exemplos de relativas livres da PNV as seguintes:

- (1) Sabham ._{SU}[_{CP} **quantos** este estromento . de partiçom . virem] (1)
 (2) a. Esto he_{ST} [_{CP} **o que** disse gonçalo uaasquez caseceiro do dicto logo *que* Renderom os bẽes do dito tomas afomso e de Ines d̄jaz /¹⁰² sua Irmãa] (101-102)
 b. em Razom d_{OL} [_{CP} **o que** dicto he per este modo e guisa *que* se adeante /¹⁰¹ Segue] (100-101)

Em (2), o antecedente da relativa só é parcialmente nulo, uma vez que se pode considerar que o demonstrativo que faz parte do constituinte relativo *o* recupera. Nestes casos, algumas gramáticas optam pela classificação da relativa como “semilivre”⁴.

3.2. Restritivas e Apositivas

Para a distinção entre relativas restritivas e relativas apositivas, foram considerados os critérios explicitados em (i) e (ii), com base na relação estrutural que, tipicamente, a relativa estabelece com o antecedente.

.....

 sendo herdeiros Nuno Vasquez de Castell Branco e Johana Jusarte, sua mulher, viúva de Diego Afomso Aluernaz e mãe de Ines e de Tomas Afomso, Lionor Vasquez, freira do Mosteiro de Chelas, viúva de Tomas Afomso e irmã de Nuno Vasquez, e Viollante, sua filha menor, representada por Fernam Rodriguiz, tabelião curador da órfã. Trata-se do documento com o número 834 do Maço 42 do fundo documental do Mosteiro de Chelas, arquivado no núcleo das Instituições Eclesiásticas do Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo. Tem cerca de 1,95 m x 0,265 m (na margem superior) / 0,238 (na margem inferior) e tem por suporte três pergaminhos cosidos, entre as linhas 91 e 92 e as linhas 200 e 201.

⁴ Por exemplo, consulte-se Brito e Duarte: 2003, 681-683.

- (i) Classificam-se como restritivas as relativas que:
- Têm como antecedente, tipicamente, um DP determinado ou quantificado, cujo núcleo é um N comum, i.e., [_{DP} Det./Quant + N comum];
 - São modificadores que contribuem crucialmente para a construção da referência do antecedente.
- (ii) Classificam-se como apositivas as relativas que:
- Têm como antecedentes, tipicamente, N's com uma unicidade referencial inequívoca, como N's próprios;
 - Contêm informação adicional, não fundamental para esgotar a construção da referência do antecedente.

Para a representação básica das construções relativas, recorre-se à hipótese da estrutura [_{DP}[_{NP} NP CP]], para restritivas, e à hipótese da estrutura [_{DP} DP CP], para apositivas, considerando-se estas representações basicamente adequadas para dar conta de diferenças sintáctico-semânticas entre as duas estruturas ⁵.

Face ao exposto, são exemplos de relativas restritivas:

- (3) a. Item [_{DP} a [_{NP} vijnha] [_{CP} que foy de Johã azedo forra]] Item [_{DP} a [_{NP} vijnha] [_{CP} que esta a par do poço de pero escouche]] Item [_{DP} ho [_{NP} oljuall] [_{CP} que /⁶ foy do baduffo]] (35-36)
- b. [_{DP} a [_{NP} meatade] /⁶ [_{CP} que he da dita lionor uaasquez e da dita viollante sua filha]] (79-80)

Em (4), apresentam-se duas relativas apositivas:

- (4) a. [_{DP} [_{DP} diego afomso alluernaz] [_{CP} que foy /⁸ sscu Marido]] (7-8)
- b. [_{DP} [_{DP} doze /¹³³ mjll e çento e vijnte e oito rreaes.] [_{CP} Os quaes som adcante leuados e Juntados cõ os outros mais dinheirros e despesas]] (132-133)

Sempre que as relativas são passíveis de mais do que uma interpretação, situação relativamente frequente no tratamento de dados de uma escrita isenta das actuais convenções de pontuação, são classificadas como ambíguas. Estes casos são típicos de relativas modificadores de DP's/NP's determinados/quantificados, cujo escopo da determinação pode abranger o NP e a relativa restritiva ou apenas o NP, sendo a relativa um adjunto ao DP, modificador apositivo do [_{DP} DET+N]. São exemplos disso as frases em (5) e as respectivas paráfrases:

- (5) a. Item ho oljuall que /⁶ foy do baduffo forro Item outro oljuall [_{CP} que he em uall ladrrom] que foy de Roj uaasquez forro (35-36)
- a'. 'Outro olival que é em uall ladrrom, tal como o olival anterior era, que foi de Roj uaasquez.' **RESTRITIVA**
- a''. 'Outro olival, que é em uall ladrrom, que foi de Roj uaasquez, para além do olival anterior, cuja localização é desconhecida.' **APOSITIVA**

⁵ Para uma revisão de diferentes análises, leia-se BRITO: 1991, 69-97; para uma revisão de análises clássicas, discussão de análises mais recentes e para a proposta de uma análise adequada à estratégia resumptiva do português, leia-se ALEXANDRE: 2000.

4. Outras estratégias de relativização

As relativas analisadas atestam estruturas relativas complexas e estruturas relativas desviantes, semelhantes às que são descritas para o português moderno.

4.1. Construções que envolvem mais do que uma subordinada

Nos documentos analisados, são muito frequentes estruturas frásicas que envolvem mais do que uma oração subordinada, também descritas para outras diacronias do português, como as que se descrevem a seguir.

4.1.1. Ordem restritiva + apositiva

Tal como é observado por Mattos e Silva (1994) e por Lucchesi (1990), quando os dois tipos de relativas co-ocorrem, as restritivas precedem as apositivas, como em (6):

- (6) a. [_{CP} [_{DP} as [_{NP} cassas] [_{CP} que som na çidade a par de sam Johane da praça todas de fundo /²⁹ açima]] [_{CP} as qraaes foram de pero stevez de fargas forras]] (28-29)

4.1.2. Empilhamento

Entre as relativas da PNV, encontram-se estruturas de relativização por empilhamento, nas quais duas ou mais relativas restritivas se juntam sequencialmente, sendo o antecedente das últimas um constituinte formado pela expressão nominal e pelas relativas anteriores, como em (7). As relativas múltiplas ou empilhadas estão atestadas para o português do séc. XIV em Mattos e Silva (1989)⁶ e contempladas na gramática do português moderno, segundo Brito e Duarte (2003).

- (7) a. Item [_{DP} as [_{NP} vijnhas] [_{CP} que estan nas canaucciras de deante] /⁶ [_{CP} que fazem o quarto a Roj gomez dazeuedo] [_{CP} que ora todas andam Juntamente em hua vijnha]] (25-26)
- b. E [_{DP} estes [_{NP} bées suso scriptos todos] [_{CP} que som no dito logo de pero escouche] [_{CP} que foram da terça do dito diego alfonsso /² poserom os ditos partidores a hua meatade E a huu quinhom]] (71-72)

4.1.3. Encaixe

Em (8), exemplificam-se estruturas com encaixes, por vezes sucessivos, como no caso de b., e em (9) destaca-se um caso particular de encaixe, com relativas com verbos de tipo declarativo ou de actividade mental. Note-se que este constituinte de natureza oracional tem, tipicamente, uma interpretação de orientação para o contexto ilocutório.

- (8) a. as çem coroas [_{CP} que derom pello apenhamêto dos estíjs de santarem] [_{CP} que tijna apenha /³⁸ dos gonçalo anes vieira]] (137-138)
- b. vjnte e çinquo mjll llíbras [_{CP} que sse despêderã na capeella /⁶⁹ [_{CP} que he setuada na egreja de sã Johane da praça [_{CP} è que o dicto diego afomso Jaz êterrado e seus filhos]]] (168-169)

⁶ Mattos e Silva (1989, 767) considera estas estruturas "relativas coordenadas assindéticas".

- (9) a. E o dito nuno uasquez por sua parte [_{CP} **que disse que** entendia *que a dita f⁶⁶ horffãa leuaua prouecto em as ditas partiçõcs*] E pressente a dicta lionor uasquez madre da dicta viollante [_{CP} **que f⁶⁷ disse que** consentia em todo o *que dito he*] (85-87)
- b. os vijnte e quatro marcos de prata [_{CP} **que foj achado que** Renderom e honze f⁶⁴ anos os bẽes ante scriptos] (193-194)

4.2. Outras estratégias de relativização

Finalmente, (10) e (11) mostram que estavam disponíveis, no séc. XV, estratégias de relativização consideradas desviantes, pelo menos no português moderno, e que também são encontradas em dados de escrita da actualidade, como os referidos em Peres e Mória (1995) e Alexandre (2000).

4.2.1. Cortadora

A relativa em (10) atesta uma estratégia que é frequente no português padrão oral: a das relativas cortadoras, nas quais não se realiza lexicalmente a preposição de PP's com funções sintácticas argumentais ou oblíquas, como neste caso.

- (10) a. em tempo [_{CP PP} [Ø **que**] era seu tetor Joham afomiso all¹⁴uernaz seu tióó] (13-14)

4.2.2. Resumptiva

Dado que não se encontraram exemplos de relativas resumptivas nos documentos analisados, a frase em (11) ilustra a existência desta estratégia num manuscrito do séc. XV, o *Fabulário Português*⁷, sendo retirada de Huber (1986)⁸. Esta estratégia, consiste em iniciar a relativa por *que*, não acompanhado pela preposição adequada à sua posição sintáctica, e em preencher a lacuna deixada na posição básica com um pronome (ou um advérbio, pelo mesmo no português moderno). No português moderno, esta estratégia foi descrita e analisada em Alexandre (2000).

- (11) As ovelhas que... os lobos faziam d'elas mao pesar (Fab. 38)

5. Posições da relativa e questões de ordem no DP e na frase

Seguidamente, comentam-se algumas estruturas cujas estratégias de relativização implicam a ruptura com uma das propriedades típicas das relativas: a adjacência entre o antecedente e o constituinte relativo. As estruturas a observar ocorrem em contextos em que existe uma alteração da ordem básica dos constituintes da frase ou do DP, alteração esta que parece poder ser motivada por factores de ordem discursiva.

⁷ O referido manuscrito foi editado por José Leite de Vasconcelos, sob o título "Fabulário Português. Manuscrito do Século XV", na *Revista Lusitana*, VIII (1905/5), 99-151, e IX (1906), 5-109. Como separata, tem o título *O Livro de Esopo. Fabulário Português Medieval*. Lisboa: 1906, 168 pp.

⁸ Huber: 1986, §347, f).

5.1. Extraposição e subida de objectos na frase

O termo “extraposição” é aqui usado em sentido descritivo, referindo o facto de a relativa se posicionar à direita, tendo entre si e o antecedente todo o material lexical da matriz. Em (12), os antecedentes estão destacados a negrito e as relativas são encabeçadas por *que*, enquanto em (13) a relativa extraposta é iniciada pelo constituinte relativo *as quaes*. Esta último dado será retomado no ponto 7.

- (12) a. E **este quinhom destas cassas** ficaram e acôteçeram aa dicta moça [_{CP} *è que escolheo o dito /^s fernam Rodrigujz seu curador aa dita partiçom porque disse que o auja e sentia por proll da dita viollante.*] (52-53)
 b. E **os dous mjll Reaes** veem aa dita lionor uasquez e sua filha [_{CP} *que lhe /^s monta de sua erança*] (181-182)
 c. das *quaes* cousas o dicto aJras afomiso pedio **esta sentença** e o dicto Juiz lha /^s mandou dar [_{CP} *que foy feita no dicto logo dia mes Era sobredicta*] (1422; 189; 52-53)
 d. E mado *que* se **outra mada** parecer [_{CP} *que /^s eu mädasse fazer ante dessta*] *que quebre e nõ ualha nõ as cousas em ella cõ/^stheudas* (1383; 180, 32-34)
- (13) a. E **todas estas partições** foram fectas presentes as ditas partes e de sseus prazeres [_{CP} *em as quaes consentirõ o dicto /^s fernam Rodrigujz por parte da dicta viollante E o dicto nuno uasquez por sua parte*] (84-85)

Construções como as apresentadas são também atestadas para as estruturas trecentistas por Mattos e Silva (1989) e descritas como fazendo parte da gramática do espanhol actual, de acordo com Brucart (1999), sendo pouco frequentes no português moderno, segundo Brito e Duarte: 2003”.

O exemplo (14) a. é a fórmula de encerramento da PNV, com uma estrutura igual ou semelhante às que muito frequentemente concluem documentos notariais desta época.

- (14) a. E aquy **meu Sjnall** fiz /^{ln} [_{CP} *que tall he..*] (215-216)
 b. e **este stromento** screpuj [_{CP} *em que meu signall fige*] [_{CP} *que tal he*] (1426; 190, 15)
 (15) e aquj fiz **meu ssynall** /^s [_{CP} *que tall he*] (1483; 206, 52-53)

Tal como nos exemplos anteriores, a relativa surge na posição final, estando, neste documento, a apresentar o desenho do sinal do escrivão, antecedendo-o. O contraste com a fórmula em (15), em que o antecedente e a relativa ocorrem na ordem canónica, revela que em (14) não estamos perante uma fórmula fixa e sintacticamente opaca, mas antes perante uma possibilidade de colocar a relativa numa posição proeminente do ponto de

* A propósito da extraposição de restritivas, em Brito e Duarte (2003, 661), afirma-se: “*Repare-se que entre o antecedente e a relativa restritiva deve haver adjacência: por isso, não é de estranhar que a relativa não seja facilmente extraposta. Compare-se os seguintes exemplos:*

- (15) (a) *Uma pessoa que tu conheces telefonou.*
 (b) *Telefonou uma pessoa que tu conheces.*
 (c) **Uma pessoa telefonou que tu conheces.*

vista informacional, através da subida do objecto. Aliás, esta mesma estratégia de desfocalização dos objectos pode ter motivado as posições ocupadas por esses constituintes em (14) b.. Estas observações podem ser suportadas pelo facto de *scrambling* de IP ser uma estratégia disponível, por razões de natureza discursiva, igualmente como estratégia de desfocalização, de acordo com Martins: 2002.

5.2. Subida de modificadores no DP

Em (16) e (17), a descontinuidade entre o antecedente e a relativa é devida a uma alteração da ordem básica dos constituintes no DP. No primeiro caso, as relativas ocorrem antepostas aos antecedentes, assinalados a negrito.

(16) a. E *que* outrosy lhe erã deudas [_{CP} *que lhe deujã seer pagadas da dita moeda*] **vjnte e çinquo mjll libras** *que sse despêderã na capeella* /¹⁶⁹ *que he setuada na egreia de sã Johane da praça e que o dicto diego afomso Jaz çterrado e seus filhos,* (168-169)

b. E fficã deudos a ell dicto nuno uasquez [_{CP} *que sse aujã dauer pella* /¹⁸⁸ *terça do fjnado*] **dezoito mj e duzētos e saseēta Reaes brancos** (187-188)

No exemplo que se segue, o PP “*dazeijte*”, que contém o antecedente da relativa (“*azeijte*”) e que é modificador do nominal “*vijnte e quatro quantaros*”, é o constituinte que, tal como as relativas de (16), antecede o núcleo nominal que modifica.

(17) *Renderom os oljuaaes dazeijte vijnte e quatro quantaros que uall a sa* /¹¹³ *seēta Reaes o cantaro* (112-113)

Se se considerar que os constituintes nominais, que correspondem ao valor do dinheiro em causa, passam a ocupar uma posição que pode ser interpretada como discursivamente proeminente no interior do DP, através da subida dos seus modificadores, poder-se-á colocar a hipótese de se estar perante uma estratégia paralela à observada antes, ao nível da frase.

6. Relativas apositivas de *que* com o verbo *ser*

A tabela que se apresenta mostra a existência relativamente frequente de um tipo de estrutura relativa apositiva, invariavelmente iniciada pelo relativo *que* e envolvendo o verbo “*ser*”, que pode surgir conjugado em diferentes tempos e pessoas, como se verifica nas frases de (18).

30 documentos entre 1325 e 1397	25 documentos entre 1407 e 1494	<i>Partição de Nuno Vasquez</i>
12 estruturas	12 estruturas	5 estruturas

Nos dados encontrados, estas relativas apositivas parecem ter como condição estrutural a sua aproximação ou mesmo adjacência ao núcleo nominal que é antecedente, de tal forma que esta estrutura implica a extraposição de um PP, tipicamente modificador

restritivo do núcleo nominal, como se pode observar nas mesmas frases. A frase em (19) demonstra que a mesma estrutura pode ocorrer sem o modificador preposicional, o que significa que este não pode ser interpretado como um dos eventuais argumentos de uma estrutura predicativa.

- (18) a. *lionor vaasquez ffreira proffessa* [_{CP} *que ora he*] do Moesteiro dache/¹¹llas, (10-11)
 b. *madre da dicta viollante e molher* [_{CP} *que foy*] do dito tomas afomso_i (10 – 11)
 c. *Johã afomso tio e tetor* [_{CP} *que entõ era*] dos horffõõs_i (60)
 d. *Sabham quantos esta estormeto de obrígaçom vírem que Eu aluaro afomso tonoeíro morador* [_{CP} *que soo*] na çidade de líxboa_i (1436; 193, 1)
 e. *E pagar a uos vasco no^βgeýra escudeyro morador na dicta çidade e procurador* [_{CP} *que sodes*] do moesteyro da çhellas_i (1436; 193, 2-3)
- (19) *Johan galego e ffrãcisco perez portejro* [_{CP} *que ffoi*] e *pedro ffilho de pero* ¹¹ *sauascháães*] (1341; 161, 40-41)

Nas frases de (18) e (19), pode considerar-se a hipótese de o nominal que antecede o pronome relativo ser argumento, com a função de predicativo do sujeito, de uma frase relativa com verbo predicativo. Neste caso, a ordem de constituintes que se observa resultaria de uma subida de parte do predicativo (sem o modificador preposicional) para uma posição de adjacência ao constituinte com a função sintáctica final de sujeito. O contraste entre duas ordens possíveis está atestado em (20), dado que pode indiciar que também esta alteração de ordem de constituintes, interna ao DP, pode ter efeitos discursivos:

- (20) *o dicto nuno uaasquez e Johana Jusarte sua f' molher como herdeiros* [_{CP} *que som*] de Ines [jnada filha da dicta Johana Jussarte e de diego afomso alluernaz [_{CP} *que foy f' sseu Marido*]] (7- 8) (*os sublinhados são meus*)

Frases como as que se apresentam em (21) revelam que a estrutura oracional em causa pode aparecer em contextos em que a análise antes proposta não é possível, uma vez que a relativa com o verbo *ser* tem como antecedente um nominal seleccionado por um PP, não sendo óbvia a derivação envolvida.

- (21) a. *Item a vijnha da gujhellma com suas oljueiras que esta da parte de çima que parte cõ gonçalo* ¹¹ *anes morador em sacauê e com a molher* [_{CP} *que foy*] de Martijm afomso Rool (23-24)
 b. *Johanis martini maritus de Mulier* [_{CP} *que fuit*] de Petrus cauacus (Most. De S. Pedro de Pedroso, m7, n1, Era de 1294)¹⁰

Uma hipótese de análise que permitiria dar conta das estruturas de (18), (19) e (21) seria considerar que a estrutura oracional relativa com o verbo *ser* envolveria um argumento que seria uma categoria vazia. Esta relativa estaria posicionada em adjunção a DP, como modificador apositivo. Nesta análise, pressupor-se-ia a existência de uma adjunção recursiva

¹¹ Agradeço este dado à Professora Ana Maria Martins.

para dar conta da posição extraposta do PP modificador restritivo. Em (22), representa-se esta hipótese:

(22) [_{DP} [_{XP} ffreira *proffessa* [_{PP} *que* [_{CP} [_{IP} [_I é [_{VP} [-]]]]]]] [_{PP} do Moesteiro dachellas _X]]

Note-se que uma maior flexibilidade na ordem de constituintes internos ao DP foi também observada nos dados do ponto 5.2., nomeadamente no que diz respeito à ordem entre núcleo e complementos, e entre modificadores restritivos e apositivos. Esta é uma das questões que fica em aberto para futuros estudos da estrutura do DP nesta diacronia.

A questão da interpretação das estruturas oracionais em análise permite levantar ainda a hipótese de estas estruturas terem um valor adverbial e poderem ser analisadas como modificadores adverbiais. Repare-se no paralelismo das estruturas em questão com (23), que pretende ilustrar uma estrutura disponível no português moderno:

(23) Freira que/como é, sabe fazer celestes de Santa Clara. (*Dado construído*)

Construções semelhantes às analisadas existiram na prosa castelhana do séc. XVI e são descritas por H. Keninston (1937), que confirma que o antecedente típico da oração é um N genérico, envolvendo uma ideia de classe. Keninston classifica estas construções como relativas apositivas não canónicas¹¹. Relativamente à interpretação destas estruturas, o mesmo autor afirma que a ocorrência do verbo no pretérito equivaleria à noção de que a classificação já não seria verdadeira, significando “o último”, “o anterior” ou “ex-”. O facto de esta estrutura poder ser interpretada com um nexos temporal (ou avaliativo)¹² permite levantar a hipótese de este constituinte ser uma oração de natureza adverbial, o que, aliás, parece não ser estranho a alguns gramáticos mencionados pelo referido autor¹³.

As estruturas em (24) podem contribuir para outra hipótese quanto à interpretação sintáctico-semântica das estruturas em estudo, na medida em que a oração introduzida por *que* se encontra correlacionada com uma oração introduzida por *como*, que parece expressar uma condição /avaliação:

(24) a. Eu Marcos mjuceuz cōme *procurador que* ssoom da Prioressa E donas do Moesteyro dachelas (1363: 170, 1)

b. E *que* pero elle dicto autor como herdeiro *que* Era do dicto pero vallente Ja finado (1422: 189, 32) (*os sublinhados são meus*)

¹¹ Para este autor, o relativo *que* tem um “carácter idiomático”, cumprindo uma função paralela à do pronome objecto *lo* “in summing up a preceding noun of class or an adjective with the verb «ser», or its equivalent” (Keninston (1937: 173).

¹² No entanto, o facto de Keninston apresentar exemplos de antecedentes que são adjectivos ou participios passados pode indicar que não se trata da mesma estrutura ou que, pelo menos nestes últimos casos, não se trata de um constituinte relativo. A título de exemplo, transcrevem-se dois exemplos, um com adjectivo e outro com participio passado, em (i) e (ii), respectivamente:

(i) “Pen 52, 18 *Desuergonçado que vienes*”

(ii) “Dia 70v, 22 *llegado que fue contigo a la isla de Cerdeña*” (*Idem*, 174).

¹³ Keninston refere que “[n]umerous of other explanations of this usage of *que* have been offered by grammarians, who have considered it a relative adverb or a subordinating conjunction of time, or cause or manner.” (*Idem*: 175).

O tratamento da estrutura em causa como a matriz de uma estrutura adverbial, de tipo comparativo/avaliativo, com um termo introduzido por um complementador *como* e outro por uma oração relativa introduzida por *que*¹⁴, dependeria da análise de mais construções semelhantes, o que não é possível no conjunto de dados encontrados. Aliás, o alargamento do conjunto de dados relativos a este tipo de oração permitirá, certamente, contribuir para a explicação desta estrutura estranha para os juízos do falante do português moderno.

7. O QUAL entre dois paradigmas

Os paradigmas de (25) a (28) apresentam diferentes contextos de ocorrência de *o qual / os quais / a qual / as quais* na PNV.

Em (25), o pronome relativo aparece em adjacência ao antecedente ou na sequência de modificadores restritivos preposicionais ou relativos, como em c. e f., sendo esta a posição canónica no português moderno.

- (25) a. *doze /¹³³ mjl e çento e vijnte e oito rreaes, [Os quaes som adçante leuados e Juntados cõ os outros mais dinheiros e despesas] (132-133)*
 b. *vijnte e seis mjl e iij^c çinquo Reaes d[os quaes lhe som descõtados /¹⁴⁷ quatro mjl e quatroçentos e oiteēta Reaes] (146-147)*
 c. *vjnte e dous mjl e duzētos rreaes brancos, [Os quaes sã descõtados dos quareenta mjl e quatroçētos e sasçēta Reaes /¹⁸⁷ brancos] (186-187)*
 d. *quatrrro mjl e quatroçentos e oiteēta Reaes, [Os quaaes som descontados a cada hua destas partes ao deante daquello que o dicto nuno uaasquez /¹²⁰ despēdeo como alla faz mēçom] (119-120)*
 e. *as cassas que som na çidade a par de sam Johane da praça todas de fundo /²⁹ açima [as quaaes foram de pero stevez de fargas forras] (28-29)*
 f. *estes bēes de Raijz que sse adçante /¹² sseguem que som no dicto logo de pero escouche Os quaaes acõteçerom aos dictos tomas afomso E Ines filhos do /¹³ dito diego afomso e Johana Jussarte per morte do dicto sseu padrrre em tempo que era seu tetor Joham afomso all/¹⁴uernaz seu tióó (11-14)*

Nos contextos de (26), o pronome relativo encontra-se a articular uma relativa extraposta, que está no final de um longo período com coordenações, como em a., ou no final do material lexical da frase subordinante, como em b.

- (26) a. *estes bēes de Raijz que sse adçante /¹² sseguem que som no dicto logo de pero escouche Os quaaes acõteçerom aos dictos tomas afomso E Ines filhos do /¹³ dito diego afomso e Johana Jussarte per morte do dicto sseu padrrre em tempo que era seu tetor Joham afomso all/¹⁴uernaz seu tióó, E per morte dos dītos tomas . afomso E Ines ficarom os ssobredītos herdeiros cõuem a saber ho dito /¹⁵ nuno uaasquez E a dita sua molher no quinhom da dita Ines, E a dita lionor uaasquez E a dita violante sua /¹⁶ filha no quinhom do dito tomas afomso*

¹⁴ Note-se que, para o português moderno, Brito e Matos (2003, 747) descrevem frases comparativas canónicas que podem incluir frases relativas, como (i). Segundo as autoras, estas frases envolvem estruturas de coordenação.

(i) Ela não é tão simpática como aquilo que devia ser.

- como *sseus herdeiros* **Os quaaes** foram partidos de *perneo a meatade pera* ^{f¹⁷} os ditos nuno *uaasquez e sua molher* E a outra meatade *pera a dita lionor uaasquez e pera viollante* Sua ^{f¹⁸} filha, **dos quaaes** llogo fizeram dous quinhões (11-18)
- b. E todas estas partições foram *fectas presentes* as *ditas partes e* de *sseus praze- res* em [**as quaes** *consentirõ o dicto* ^{f⁸⁵} *fernam Rodriguijz por parte da dicta viollante* E o *dicto nuno uaasquez por sua parte*] (84-85)

Nas frases de (27), *o qual* concorda em género e número com o nominal que especifica e funciona não como um pronome, mas como uma expressão com maior autonomia referencial. Por exemplo, em (27) b., “A *quall* partiçõ”, e em (27) c., “As *quaaes* coussas” são co-referentes de informação enunciada ao longo do discurso anterior, o que permite considerar que, nestes casos, “o qual” tem a distribuição de um determinante demonstrativo.

- (27) a. **O quall vasco gonçallvez** llogo *pressente* o *dicto nuno uaasquez e a sseu* ^{f⁹⁹} *Requymento e presente* o *dito fernam Rodriguijz curador da dita viollante* E *outrosy presentes* os *ditos partidores e presente* ^{f¹⁰⁰} a *dita lionor uaasquez e de seu prazer della fez e tomou a dicta conta em Razom do que dicto he* (98-100)
- b. **A quall partiçõ** as *ditas partes* ^{f⁴⁶} *louuaram e outorgaram e ouuerom por bõa e bcm fecta e fijrme e estaujll e pedirom asy Senhos estromentos* (45-46)
- c. **As quaaes coussas** as *dictas partes conuem a saber* o *dito nuno uaasquez . E Johana Jussarte sua molher* ^{f²⁰⁶} a *esto pressente por sua parte* E a *dicta lionor uaasquez por sy* E o *dicto ffernam Rodriguijz por parte da dicta* ^{f²⁰⁷} *meor como seu curador aas ditas partições louuaram E outorgaram E ouuerom todo por bem ffecto* ^{f²⁰⁸} E *ffijrme e estaujll E pedirom asy Senhos estromentos* (205-208)

A consideração de que “o qual” pode pertencer ao paradigma dos determinantes deixa em aberto a interpretação deste em contextos como os de (28), nos quais pode ser considerado ambíguo entre determinante e pronome relativo, introdutor de uma relativa extraposta.

- (28) a. E este *quinhom e herf⁶dades* *aconteçeo aa dita viollante por a sua parte e derecto da dita terça e* **o quall quinhom** *escolheo o dicto fernam Rodrigujz* (75-76)
- b. E em esta *partiçom nõ vay nẽ entra* o *casall do almargem termo de sijnta conuẽ a saber a meatade* ^{f⁸⁰} *que he da dita lionor uaasquez e da dita viollante sua filha porque a outra meatade he do dicto nuno uaasquez nẽ o llogar* ^{f⁸¹} *da atougia* **A quall meatade do casall do almargem e logar da atougia**, *ficou pera sse partir de conpanha antre* ^{f⁸²} *a madre E a filha* (79-82)

Lucchesi (1990) analisa estruturas semelhantes às de (28), dando conta da referida ambiguidade e propondo que o relativo “o qual”, no séc. XV, pudesse ocupar uma posição de especificador, como os demonstrativos¹⁵. Para terminar, note-se que a hibridade deste constituinte, entre pronome relativo e determinante demonstrativo, não é estranha a outras línguas naturais, como o inglês, com “that”, e o holandês, com “die”.

¹⁵ Para o português arcaico e médio, já Said Ali (1931) e Silva Dias (1918) descrevem a possibilidade de interpretar o relativo “o qual” como demonstrativo.

Referências

- Alexandre, Nélia (2000) *A Estratégia resumptiva em relativas restritivas do português europeu*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Ali, Manuel Said (1931) *Gramática histórica da língua portuguesa*. 1971, 7ª ed. melhorada e aumentada. Rio de Janeiro & São Paulo: Melhoramentos.
- Brito, Ana Maria (1991) *A Sintaxe das orações relativas em português*. Porto: INIC, CLUP.
- Brito, Ana Maria & Inês Duarte (2003) Oações relativas e construções aparentadas In Mateus et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho, pp. 653-694.
- Brito, Ana Maria & Gabriela Matos (2003) Construções de graduação e de comparação. In Mateus et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho, pp. 729-766.
- Brucart, José María (1999) La estructura del sintagma nominal: las oraciones de relativo. In Bosque, Ignacio & Violeta Demonte. *Gramática descriptiva de la lengua española*. 1 *Sintaxis básica de las clases de palabras*. Madrid: Espasa Calpe, pp. 395-521
- Dias, Augusto Epifânio da Silva (1918) *Sintaxe histórica portuguesa*. 1970, 5ª ed. Lisboa: Clássica Editora
- Huber, Joseph (1933) *Gramática do português antigo*. 1986, tradução portuguesa do original alemão. Lisboa: Gulbenkian.
- Keniston, Hayward (1937) *The syntax of castillian prose: the sixteenth century*. Chicago & Illinois: The University of Chicago Press.
- Lucchesi, Dante (1990) Considerações sobre a análise das relativas no português contemporâneo e algumas incursões na história dessas estruturas. In *Actas do VI encontro da associação portuguesa de linguística*. Porto: APL, pp. 175-193.
- Martins, Ana Maria (2000) Mudança sintáctica e história da língua portuguesa. In *Actas do Encontro de linguística portuguesa "história da língua e história da gramática"*. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, pp. 251-297.
- _____ (2001) *Documentos portugueses do noroeste e da região de lisboa: da produção primitiva ao século XVI*. Lisboa: IN-CM.
- _____ (2002) The loss of IP-scrambling in portuguese: clause structure, word-order variation and change. In Lightfoot, David (ed.) *Syntactic effects of morfological change*. Oxford: University Press, pp.232-248.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e (1989) *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM.
- _____ (1994) *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto.
- Peres, João & Telmo Mória (1995) *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho.